

Bancos vão liberar US\$ 6,5 bilhões

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Mesmo sem comentar com a imprensa como de costume, o Citibank está liderando um grupo de bancos privados para emprestar um jumbo US\$ 6,5 bilhões ao Brasil, segundo fontes bancárias nesta cidade. O banco não quis sequer comentar se teria recebido cópia da carta de intenções do Governo brasileiro ao FMI.

— Pergunte ao Governo brasileiro em Brasília, ou ao Fundo Monetário Internacional em Washington sobre esta carta. Mesmo que tivéssemos, não a daríamos — disse um porta-voz do Citibank.

No entanto, alguns pontos ain-

da faltam a ser concluídos, como o dos créditos comerciais. Os bancos querem que os Governos ocidentais participem mais nesse sentido. O Governo dos Estados Unidos entrará com US\$ 1,5 bilhão, através do Eximbank, e o Governo inglês contribuiria com US\$ 1 bilhão.

O segundo tópico de discussões é quanto aos juros a serem rolados. Não se chegou a uma conclusão satisfatória nesse sentido, até agora. O montante do empréstimo dos bancos privados deverá ser assinado amanhã ou depois, quando o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira voltar a se reunir, com a participação do Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore.

Dólares do Eximbank

Após a reunião com o Ministro da Fazenda, e o Presidente do Banco do Brasil, o Diretor da Cacex, Carlos Viacava anunciou que os recursos a serem liberados pelo Eximbank (banco americano para importações e exportações), no total de US\$ 1,5 bilhão, serão repassados às empresas privadas nacionais pelo Banco do Brasil.

Esses recursos, como explicou o Presidente do BB, financiarão uma variada lista de importações, inclusive manufaturados e fertilizantes para a agricultura.

Débito polonês terá dupla renegociação

BRASÍLIA — O Governo brasileiro quer renegociar em duas frentes a dívida polonesa de US\$ 1,8 bilhão. Parte do débito seria reescalonado no Clube de Paris e o restante do dinheiro continuaria sendo renegociado em contatos bilaterais. A informação foi dada pelo diretor da Área Externa do Banco Central, José Madeira Serrano, em depoimento ontem na Comissão Especial do Senado, que investiga as relações comerciais do Brasil com a Polônia.

Segundo Serrano, poderá ser difícil convencer os demais credores, membros do Clube de Paris, que deixem de incluir as negociações entre os governos brasileiro e polonês nas discussões multilaterais sobre a dívida da Polônia. Serrano explicou que, na reunião do Clube de Paris, os países credores decidirão qual a quantia que a Polônia pode pagar e dividirão igualmente entre si os pagamentos poloneses.